



Data: 02.09.2017

Título: O ano rebelde de Hollywood

Pub: **Expresso** **E** A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Cultura

Pág: 61;62;63

Culturas

A história de Roger Corman, uma lenda viva, confunde-se com a história do cinema americano da segunda metade do século XX. Aos 91 anos, o cineasta regressa a Portugal, a convite do Festival MotelX, que arranca esta terça-feira. Um acontecimento

ENTREVISTA FRANCISCO FERREIRA

O ano rebelde de Hollywood

Área: 3206cm² / 83%

Tiragem: 123.400

FOTO

4 Cores

ID: 5851931

GETTY IMAGES



Data: 02.09.2017

Titulo: O anjo rebelde de Hollywood

Pub:

Expresso A Revista do Expresso



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Cultura

Pág: 61;62;63

D

ez anos depois da sua última visita a Portugal, voltámos a cair no erro de tratá-lo por Mr. Corman. Dez anos depois, ele voltou a corrigir-nos, desta vez ao telefone entre Lisboa e Los Angeles: e atirou-nos outra vez um “just call me Roger”. Roger ficou, até ao fim da conversa. Em 2007, este mago da série B americana (batismo a que franze o sobrolho), ele que nadou sempre contra a corrente e que passou por todos os géneros — do *western* ao filme de horror e de *gangsters*, da ficção científica ao *thriller* psicológico e até ao musical —, ele que realizou quase 60 filmes e produziu mais de 400 (quase todos com rodagens rápidas a três tostões e, contudo, êxitos de bilheteira, para espanto dos grandes estúdios, que nunca o vergaram), esteve em Lisboa, a convite de João Bénard da Costa, da Cinemateca Portuguesa, que lhe dedicou um ciclo. O homem que lançou Francis Ford Coppola, Monte Hellman, Irvin Kershner, seguindo-se Martin Scorsese, Jonathan Demme, James Cameron, Joe Dante, entre tantos outros, elogiou-nos então o país, a beleza da capital, a “limpeza das ruas” (por que ruas teria andado?...), e agradeceu, simpaticíssimo, o convite. Falámos com ele nessa altura, e é dessa altura a fotografia aqui ao lado em que o vemos a segurar o *flash* de António Pedro Ferreira, numa das mais divertidas sessões de fotos de que temos memória. O MotelX, dedicado, como já se sabe, ao horror e ao fantástico (a praia de Corman), começou — se a mesma memória não falha — em setembro desse 2007 (ele visitara-nos na primavera, em junho). Há dois anos, o festival tentou trazê-lo de volta ao retângulo, com o cineasta a adiar *in extremis* a visita, deixando a intenção de cumpri-la. Assim acontecerá agora: Roger Corman é esperado esta semana para uma homenagem no Cinema São Jorge e para a exibição de duas das suas mais gloriosas obras, “X: The Man with the X-Ray Eyes”, de 1963, e

“The Mask of the Red Death”, de 1964, filme da sua ‘fase gótica’ de adaptações de Edgar Allan Poe, com um príncipe chamado Vincent Price.

O que é que tem feito nestes últimos dez anos? Lá vamos sabendo que continua muito ativo na produção...

Não tanto quanto gostaria, com 91 anos começo a abrandar o ritmo um bocadinho, mas ainda me levanto todas as manhãs para ir para o escritório. Temos produzido uma a duas longas-metragens por ano, lançámos a última há uns seis meses na Universal, “Death Race 2050” [de G. J. Echternkamp, inédita em Portugal], está agora na Netflix. E quando regressar desta visita a Portugal vou reunir-me com a Universal outra vez, temos mais projetos. Ainda estou na corrida!

Quando olha para trás, consegue dizer-nos qual foi a fase mais excitante do seu trabalho?

Houve muitas fases excitantes na minha vida profissional. Ainda hoje, se descubro algum cineasta de valor, o entusiasmo volta, volta sempre,

não tem idade. Os anos 50 foram especiais. Consegui naquela década ser um cineasta independente e um produtor independente ao mesmo tempo. Nos anos 50, esse era um raro e gratificante poder.

Os filmes que o MotelX escolheu para o homenagear são especiais para si?

Sem dúvida. “X: The Man with the X-Ray Eyes” começou por uma ideia muito simples: pensar em alguém que conseguia ver além da superfície da realidade. Eu estava muito próximo do jazz americano naquela altura e conhecia muitos músicos que andavam a experimentar drogas. No primeiro esboço do argumento, um músico desses era o protagonista. Depois voltei à história original, que era do Ray Russell, e criámos o cientista que se descobre no lugar de um todo-poderoso, capaz de ver o que os outros não podem. E chamei o Ray Milland para o papel.

“The Mask of the Red Death” é o seu filme favorito da ‘fase Poe’?

O meu primeiro filme adaptado de Poe foi “House of Husher” [1960], e eu julgava que seria o único. Mas o êxito foi tão tremendo que me incentivou a continuar. Aconteceu-me o mesmo com “The Little Shop of Horrors”, que rodei em dois dias e uma noite, só pela piada. Depois de “House of Husher”, pensei logo de seguida em “The Mask of the Red Death”, mas a história parecia-me muito similar a certos filmes de Ingmar Bergman, em particular à de “O Sétimo Selo”, que ele tinha feito poucos anos antes. Por causa disso, deixei “The Mask...” na gaveta e passei ao filme seguinte, que foi “Pit and the Pendulum”, de que também gosto muito. Acontece que depois, filme após filme, o *stock* de Allen Poe começou a acabar e, em 1964, a ideia de “The Mask...” voltou. Rodei-o na Inglaterra, com condições técnicas muito generosas, que os outros ‘filmes Poe’ não tiveram. Foi um dos que me saíram melhor e é um dos meus favoritos.

Não tem a sensação de que a história está continuamente a repetir-se? Estava a pensar em “The Intruder” [1962] e na história daquele tipo de extrema-direita que anda de terra em terra a pregar a sua ideologia contra negros e judeus. “The Intruder” é um ataque violento ao racismo, uma obra politicamente ambiciosa. Disse em tempos que é o filme de que mais se orgulha...

Saiba que “The Intruder” tem sido muito mencionado agora por causa do que se está a passar nos EUA. Os problemas que o filme foca são os mesmos que vimos em Charlottesville. A rodagem foi infernal, recebi ameaças de morte, tive xerifes atrás de mim e fui molestado pelos habitantes locais — filmámos no Sul dos EUA. E foi o primeiro filme em que perdi dinheiro! Tive críticas excelentes, mas não funcionaram na bilheteira. Mas em 2000 houve uma edição em DVD, com comentários, e vendeu tão bem que recuperei o meu dinheiro. É uma história engraçada.

O que acha da nova presidência dos Estados Unidos?

O Trump é um desastre que se abateu sobre nós. Fui um defensor cerrado de Hillary Clinton nas últimas eleições e estou violentamente contra ele desde o primeiro minuto. Acho-o uma má pessoa. Tão simples quanto isto.

“Vou dizer aos espectadores do MotelX para verem filmes do passado”



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Área: 3206cm² / 83%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5851931



Data: 02.09.2017

Título: O anjo rebelde de Hollywood

Pub:

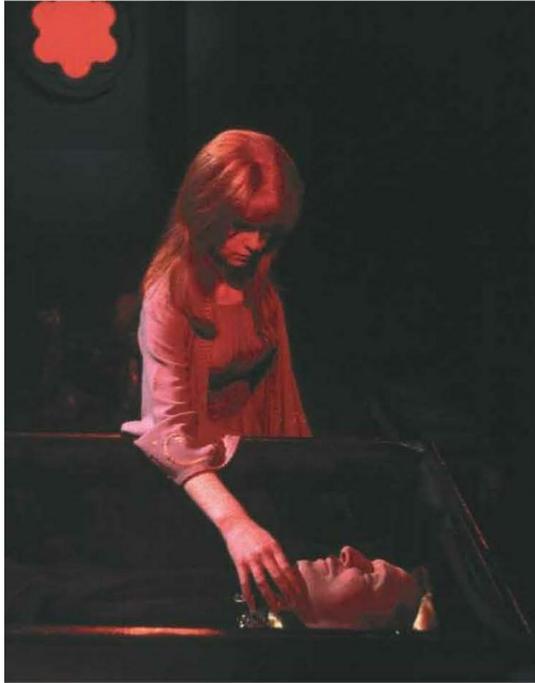
Expresso E A Revista do Expresso

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Cultura

Pág: 61;62;63



"The Mask of the Red Death", de 1964 (cujo cartaz reproduzimos na pág. 61), e "X: The Man with the X-Ray Eyes", de 1963, são os dois filmes que o cineasta vem apresentar a Lisboa (de cima para baixo)

Saberá o cinema reagir a Trump?

O cinema é ficção, é imaginação, mas sempre soube reagir às adversidades deste e de outros países, ao presente. Nos anos 30, as *screwball comedies* reagiram à Depressão e os filmes de *gangsters* olharam para aquele tempo com profunda desconfiança e cinismo.

Continua a ir ao cinema?

Tanto quanto posso, não tanto quanto gostaria. Passo parte do meu tempo no escritório, em mesas de montagem. Confesso que é difícil sair dali depois e ir ao cinema ver um filme por puro prazer. Vi o último filme de Christopher Nolan, que me agradou. Acho que ele é o exemplo de um cineasta que, depois de ter começado pelos *low budgets*, soube crescer e seguir o caminho que queria.

2017 tem sido um ano terrível para o cinema americano de género: perdemos George Romero em julho, e na semana passada foi Tobe Hooper que nos deixou. Acredito que conheceu ambos de perto. O que pode dizer deles?

Foram dois cineastas muito significativos e originais, o que perdemos com a morte deles é incalculável. Trouxeram novos elementos para o *horror movie*; aliás, mais do que isso, eles alteraram esse género, tornando-o mais gráfico e assustador.

Há algum filme que se arrependa de não ter feito?

Há. Chamava-se "Crazy Horse". Era um *western* sobre esse grande líder índio que derrotou a América e que, em simultâneo, sabia que a sua causa estava perdida. Foi uma figura fascinante.

Há ainda alguma coisa que possa aprender no cinema aos 91 anos?

Sempre, aprendemos todos os dias. Foi isso que me levou a produzir "Death Race 2050", que é um filme futurista sobre as transformações da sociedade nas próximas décadas.

E o que dirá em Lisboa aos espectadores do MotelX, que são na maioria muito jovens?

Vou dizer-lhes para verem filmes do passado. Só assim conseguirão perceber como é que a fantasia, a ficção científica e o cinema de horror se transformaram ao longo dos tempos. ●

Quando o humor puxa pela comédia, tudo se arranja

O MotelX tem uma secção nobre — a das homenagens —, cujo título é um achado de ironia: Culto dos Mestres Vivos. Além de Roger Corman, que à semelhança de outros convidados deve estar agora a massajar o pulso para as centenas de autógrafos que lhe vão pedir no São Jorge, o outro 'mestre vivo' deste ano é o chileno há muito radicado em França Alejandro Jodorowski, cineasta intermitente que regressou esta década ao trabalho (com "The Dance of Reality" e "Poesia Sem Fim") após longo período de silêncio e tarólogo 'encartado' que, durante muitos anos, podia ser consultado com relativa facilidade num café perto da Gare de Lyon, em Paris. Jodorowski é o autor de dois filmes míticos que o festival exibirá: "El Topo" (1970), uma variação excêntrica e surrealista do *western spaghetti*, carregada de simbologias ocultas, e que, quando se estreou em Nova Iorque, deu origem à moda dos *midnight movies* (o protagonista, interpretado pelo cineasta, é um pistoleiro vestido de cabedal negro que vai deixando um rasto de destruição por onde passa) e "Santa Sangre" (1989), história circense e de faca e alguidar, entre Fellini e Tod Browning, e próxima do *giallo* do cinema italiano. Há muito mais para ver nestes cinco dias: na secção Quarto Perdido, o festival convida-nos a descobrir o cinema de terror feito em Portugal por "Crime de Amor" (Rafael Moreno Alba, 1971) e "O Espírita" (Augusto Fernando, 1976 — cineasta "desaparecido de circulação", frisa o festival, depois desta experiência). O Prémio MotelX — Melhor Curta de Terror Portuguesa é um caso de êxito do festival e traz nove curtas nacionais (são filmes de baixo orçamento e alguns deles assumidamente amadores cuja produção o MotelX, direta ou indiretamente, tem incentivado). E enquanto a secção Serviço de Quarto acerta agulhas com a produção contemporânea do género (30 longas que dificilmente poderiam ser vistas em Portugal noutro âmbito), o festival lança este ano uma competição nova de longas-metragens europeias. Uma das mais delirantes que vimos chama-se "Prey" e vem de um cineasta com pergaminhos no género, Dick Maas. Começa com uma médica veterinária a tirar um iPhone da barriga de um crocodilo do zoo de Amesterdão e evolui depois para uma caça ao monstro com os ataques de um gigantesco leão em CGI que anda a afiar o dente nos parques da cidade, numa série de crimes macabros. Maas sabe o que está a fazer e dinamita constantemente a seriedade do seu projeto (uma variação de "Tubarão", de Spielberg) com humor (aquele lendário caçador de leões britânico que anda de cadeira de rodas). Vale bem o bilhete. / F.F.

MOTELX — FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE TERROR DE LISBOA

Cinema São Jorge, Lisboa, de 5 a 10
www.motelx.org

Área: 3206cm² / 83%

Tiragem: 123.400
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5851931